

## O BRINC(RI)AR VAI À ESCOLA: O DIREITO AO BRINCAR COMO ELEMENTO FUNDANTE PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Rainy Gomes da Silva<sup>1</sup>  
Profa. Dra. Tânia Maria de Sousa França (orientadora)<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma reflexão teórico-prática sobre o direito ao brincar como elemento fundante para o desenvolvimento infantil, por meio da ação extensionista “O brinc(ri)ar vai à escola”, vinculada ao projeto de extensão de uma IES pública, no interior do Ceará, denominado “Brinquedoteca: espaço lúdico para brinc(ri)ar”.

O referido projeto extensionista teve seu início em 2017, denominado, inicialmente, de “Ludicidade: arte e brincadeiras na formação docente”, sempre com o objetivo de proporcionar atividades lúdicas, por meio do brincar e criar, para sensibilizar sobre a importância do lúdico como uma dimensão do viver e como um direito da criança, e para compreender a brinquedoteca como um espaço por excelência para que ocorram essas atividades (FRANÇA/2023). Ao longo dos seis anos de atuação, o projeto já atendeu em torno de 900 crianças, com atividades brincantes que se organizam em três ações básicas: o brinc(ri)ar vai à universidade, o brinc(ri)ar vai à escola e o brinc(ri)ar vai à praça, proporcionando atividades livres e dirigidas. Em todas essas ações, partimos da compreensão de que

[...] é por meio do brincar que ela (criança) se relaciona com o meio em que vive e com os outros, o que lhe propicia dar significado a tudo que está ao seu redor, não podendo ser, o brincar, algo sem sentido ou como um mero passatempo, porque é pelo brincar que a criança desenvolve a sua curiosidade, aprende a ser solidária, a ter autonomia, sente-se instigada pelas descobertas, estabelece vínculos e princípios de relacionamento social e desenvolve as mais variadas habilidades. (FRANÇA/2023).

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, [rainy.gomes@aluno.uece.br](mailto:rainy.gomes@aluno.uece.br);

<sup>2</sup> Professora orientadora: Doutora, Universidade Estadual do Ceará - UECE, [tania.franca@uece.br](mailto:tania.franca@uece.br)

O brincar permite que a criança, além de desenvolver o conhecimento de maneira agradável e natural, possa agir de maneira mais autônoma, estimulando também a socialização e o trabalho em equipe, trazendo a noção de cooperação, contribuindo para o desenvolvimento integral da criança, como elemento fundante.

Escolhi esse tema por fazer parte, como bolsista, do projeto de extensão; atuando, junto às crianças, nas atividades brincantes; despertando, assim, o meu interesse em refletir sobre o brincar como elemento fundante para o desenvolvimento infantil. Por conta da ação extensionista surgiu a indagação: como poderíamos organizar as brincadeiras com as crianças, no “Brinc(ri)ar vai à escola”, para contribuir com o desenvolvimento integral e garantirmos o direito ao brincar?

De agora em diante, será relatado um pouco da metodologia abordada nesta pesquisa, será relatado, também, um pouco da experiência vivida sobre o tema e como foi o processo do brincar na escola onde foi realizada a pesquisa e um pouco das vivências dos alunos com o tema do brincar.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho está ancorado na abordagem qualitativa e no relato de experiência como modalidade de pesquisa. Conforme citam Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo e, com ela, os pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais. O relato de experiência (RE),

[...] é um tipo de produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), cuja característica principal é a descrição da intervenção. Na construção do estudo é relevante conter embasamento científico e reflexão crítica (MUSSI, FLORES, ALMEIDA, 2021, p. 65).

Os mesmos autores destacam a presença de quatro tipos de descrição no RE: informativa, referendada, dialogada e crítica. Tentaremos, neste relato, seguir esse roteiro, ou seja, primeiramente apresentaremos o cenário do estudo, depois, a fundamentação da temática e, em seguida, a discussão e a crítica, da experiência. (MUSSI, FLORES, ALMEIDA, 2021).

Afirmamos ainda, que relatar a experiência vivenciada “não acaba apenas no registro de narrativa, mas procura fazer visíveis e pensáveis questões educativas que, por meio de narrar, se nos desvendam” (DOMINGO, 2016, p. 15).

Desta forma, o presente relato apresenta a experiência do “Brinc(ri)ar vai à escola”, realizada em uma escola municipal de uma cidade do interior cearense, em uma sala de 3º

ano do ensino fundamental. Ao todo, somos 10 bolsistas atuando de modo colaborativo em dois projetos situados na brinquedoteca. O primeiro, de extensão, “Brinquedoteca: espaço lúdico para brinc(ri)ar” e o segundo, de iniciação artística, “Com as mãos na Arte: experiências estéticas na universidade e na escola”. Projetos que apresentam suas especificidades – o brincar e o fazer arte, mas que se complementam nas ações de brinc(ri)ar.

Para a realização da ida à escola, primeiramente planejamos as atividades que queríamos executar com as crianças. Esse planejamento aconteceu na universidade, em um dos encontros na brinquedoteca, quando decidimos quais brincadeiras seriam realizadas, como se daria a contação de história, qual seria a atividade artística e quais seriam as músicas de acolhimento. Depois, tudo foi organizado, inclusive a divisão das tarefas entre os bolsistas.

Chegando o dia de ir para a escola, saímos do *campus* no transporte disponibilizado pela universidade. Na escola, entramos e fomos recepcionados pela direção, que nos levou até o local onde faríamos as atividades e nos explicou como seria a manhã, falando também sobre o horário de intervalo. Depois dessa recepção, o diretor foi chamar a turma para ir até o nosso encontro. A turma era um pouco numerosa e contava com alguns alunos com deficiência, mas, mesmo assim, eles participaram de todas as atividades propostas por nós.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O brincar é de suma importância para o desenvolvimento integral da criança nos aspectos físico, social, cultural, afetivo, cognitivo e emocional. Para Santos e Cruz, a educação Infantil ou Ensino fundamental é um período essencial para a criança no que diz respeito ao seu desenvolvimento e aprendizagem e, por essa razão, é importante conscientizar o professor da relevância da ludicidade na prática pedagógica a fim de que a criança possa se desenvolver em sua plenitude (SANTOS; CRUZ, 2010).

Quando a criança brinca, ela se conecta com a sua imaginação. No mundo real, com as brincadeiras, podemos possibilitar para a criança novas oportunidades, trazendo, assim, o espírito da coletividade, união e respeito ao outro. É por meio das brincadeiras que a criança constrói suas aprendizagens e conhecimentos sobre o mundo.

O lúdico e a brincadeira estão relacionados ao desenvolvimento cognitivo da criança. Por meio deles, ela pode aprender brincando e de uma forma bem simples, pois, como ensina Almeida (2007), a brincadeira.

[...] é fruto da tradição cultural oral, da observação, da heterogeneidade e da diversidade de atividades oferecidas pela cultura lúdica do meio ou pela criação e representação espontânea construída a partir de necessidades naturais do ser, sejam elas biológicas (físicas), cognitivas (mentais), psicológicas (afetivas, emocionais, de atenção ou de concentração), sociais (relativas ao grupo social), linguísticas (relacionadas à linguagem) ou culturais (afeitas às questões contextuais) (p. 26).

Brougère (2008) acredita que brincar é um fenômeno cultural. O autor relata que o brincar é um ato da criação cultural que vai permitir ao indivíduo criar uma relação aberta e positiva com a cultura. “Brincar não é apenas uma dinâmica interna do indivíduo, mas uma atividade dotada de uma significação social, como outras, necessita de aprendizagem” (p. 19-20). Quando uma criança brinca, constrói sua cultura no ato de brincar, de perceber e de lidar com a realidade a sua volta.

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017) afirma que o brincar é um direito e se torna fundamental, tanto para o aprendizado, como para o desenvolvimento da criança. Na brincadeira, a criança aprende de forma prazerosa, através da socialização com outras crianças e adultos, e na participação de diversas experiências lúdicas. Por esse motivo, é preciso que as escolas invistam para que as crianças tenham esse direito protegido e preservado.

Consideramos que o brincar faz parte da vida de uma criança e que traz alegria e diversão, podendo desafiar e estimular o pensamento reflexivo. Esta experiência não pode ser preferida apenas na educação infantil, deve passar também pelo ensino fundamental. Brincar socializa e cria comunicação entre as próprias crianças e entre elas e o professor, desenvolvendo conceitos como limites, regras, espaço, tempo, equilíbrio físico e mental e, ainda, estimula a tomada de decisões. Além disso, permite-lhes criar e recriar a sua vida cotidiana e a sua imaginação.

Podemos acrescentar que brincar traz sensações agradáveis que ficam na memória e que é uma das formas de praticar as habilidades cognitivas da criança e do adulto, pois “Uma criança, um jovem e até mesmo um adulto quando se entrega na atividade lúdica, eles entram em contato consigo mesmos, com suas experiências de vida e situações de descoberta do mundo” (PEREIRA, 2002, p. 15).

Infelizmente, os jogos e as brincadeiras, como práticas pedagógicas em sala de aula, estão ficando cada vez mais distantes. Os professores estão mais preocupados em seguir o material didático e revisar os conteúdos. Para Barbosa (2006),

Nossas crianças têm direito à brincadeira; à atenção individual; a um ambiente aconchegante, seguro e estimulante; ao contato com a natureza; à higiene; à saúde; a uma alimentação sadia; ao desenvolvimento de sua curiosidade, imaginação e capacidade de expressão; ao movimento em espaços amplos; à proteção; ao afeto; à amizade; à expressão de seus sentimentos; à uma atenção especial durante seu período de adaptação; ao desenvolvimento de sua identidade cultural, racial, religiosa e de gênero. O parecer e a resolução do CNE sobre a educação infantil demonstram essa interlocução profunda entre os direitos da cidadania, da aprendizagem e da pedagogia. Porém, esse avanço conceitual ainda não está presente no ensino fundamental (BARBOSA, 2006, p. 52).

Foi considerando essa realidade que propomos as atividades brincantes na escola e que serão relatadas a seguir.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

No primeiro momento, quando a turma chegou ao auditório, os alunos se sentaram e nós, bolsistas, começamos a coordenar as atividades: explicamos o que iríamos realizar e cada bolsista se apresentou.

Após esse momento, colocamos uma música para o acolhimento, para que eles pudessem dançar e mexer o corpo um pouco, fazendo com que eles ficassem mais à vontade conosco e que pudessem estar tranquilos para realizar as brincadeiras. Planejamos músicas infantis que fossem agradáveis para que os alunos autistas pudessem também participar. Algayer e Trugillo, colaboram com essa discussão ao afirmarem

Quando pensamos em música, estudamos e observamos, percebemos que ela é uma linguagem universal e é capaz de modificar pensamentos, humor, e nos motivar. Propomos então que a música possa ser esse meio, que o professor em sua rotina pode utilizar como estimulação no aprendizado de seus alunos de uma forma geral, já que a música é um meio que agrada a todos (2013, p. 139)

Após a acolhida, seguimos para o restante da nossa programação: a contação de história por duas bolsistas. Elas contaram a história do chapeuzinho amarelo, que foi uma história totalmente nova para eles. Os alunos ficaram encantados com a forma de contar história, pois, como já estão em uma turma de 3º ano, eles não têm mais o hábito de ter os momentos de acolhimento e contação de histórias. Sabemos o quanto ainda é importante

resgatar um pouco sobre as contações em sala de aula e como as crianças se sentem bem com isso. Segundo Vitor e Korbes (2011, p.2),

[...] a contação de histórias [...] é umas das ferramentas pedagógicas importantíssimas e que deve ser valorizada, pois a mesma contribui para o desenvolvimento da criança em vários aspectos, ela proporciona momentos de prazer e ao mesmo tempo serve de alicerce dentro do processo de aprendizagem.

Depois desse momento, mediamos as brincadeiras dirigidas. A primeira foi “corre cutia”, que acontece com todos sentados no chão e é escolhido um aluno para esconder um objeto atrás do colega. Aí cantávamos uma música que, após o seu término, o aluno que estava com o objeto atrás de si tinha que se levantar, e o amiguinho, que estava em pé, tinha que correr e sentar no lugar de quem estava com o objeto. Fizemos várias rodadas dessa brincadeira, e eles adoraram.

Depois do “corre cutia”, brincamos com o bambolê: eles tinham que passar o bambolê para o colega sem soltar as mãos, realizando um trabalho cooperativo ao ajudar uns aos outros a passar o objeto. Começamos com um bambolê e, depois, aumentamos a dificuldade com dois bambolês, e assim, eles foram ajudando o colega do lado a passar o bambolê. Brotto corrobora com essa ação de cooperação ao considerar

[...] a cooperação um processo onde os objetivos são comuns, as ações são compartilhadas e os resultados são benéficos para todos. A competição é caracterizada por ele como um processo onde os objetivos são mutuamente exclusivos, as ações são individualistas e somente alguns se beneficiam dos resultados (BROTTO 2001, p. 27).

A próxima brincadeira foi “casa, morador e terremoto”, os alunos deveriam se juntar em trios, dois formavam a casa e o terceiro seria o morador. Os alunos deviam se mover de acordo com os comandos: se o comando fosse “casa”, as crianças que estavam como casa saíam do lugar para procurar outro morador; se o comando fosse “morador”, apenas o morador saía para procurar outra casa; e quando o comando era “terremoto”, todo mundo fazia novos pares. No começo, levou um tempo para todo mundo entender, mas, depois que brincaram algumas vezes, as crianças começaram a gostar muito da brincadeira, os alunos com deficiência adoraram brincar, e, claro, a professora estava sempre nos auxiliando com a turma.

Enquanto coordenávamos essa brincadeira, chegaram os alunos do curso de enfermagem para realizar a campanha de vacinação. Aos poucos, as crianças iam se dirigindo para a sala para tomar a vacina, mas um dos alunos com deficiência resolveu ficar com o seu monitor, porque não queria mais brincar. Enquanto ele estava com o seu monitor,

um dos bolsistas levou alguns brinquedos para realizar uma atividade com ele, e, assim, ele ficou brincando. Essa possibilidade já estava prevista no planejamento. Em relação as crianças com deficiência, a Declaração de Salamanca (1994) lança às escolas, ainda, o desafio de promover o ensino de qualidade, desenvolvendo um planejamento centrado nas necessidades da criança, requeiram elas recursos especiais ou não, a fim de educar a todos.

Depois, realizamos a última brincadeira antes do intervalo, que foi a do “telefone sem fio”: fizemos um círculo e uma pessoa tinha que falar uma frase no ouvido do colega, para que a frase fosse sendo passada até chegar no último colega, e ele repetisse bem alto para ver se era a frase correta.

Em seguida, fomos para o recreio, quando os alunos puderam lancha, e nós pudemos conhecer um pouco da escola. Vimos que a escola tem espaços bem amplos, mas que não são muito utilizados. Vimos também que, durante o intervalo, as crianças do fundamental 1 e 2 se misturam, o que torna o momento um pouco bagunçado. Essa mistura também acaba gerando atritos entre os alunos, já que as crianças menores gostam de usar o tempo livre para correr e, eventualmente, acabam por esbarrar nas maiores. Percebemos ainda que os alunos com deficiência não conseguem aproveitar o recreio devidamente, já que não podem sair da sala por causa do tumulto decorrente de um intervalo com muita gente.

Depois do intervalo, voltamos ao auditório para onde os alunos retornaram para fazer a atividade de Arte, que foi mediada por outro bolsista. Ele explicou como seria a atividade e entregou os jornais, que seriam usados como suporte, para que os alunos pintassem, de modo livre, o que estavam sentindo após essa manhã de brincadeiras. Tivemos vários desenhos nos quais cada criança expressou o seu sentimento sobre o dia que estava vivendo e a alegria em participar desse momento brincante na escola.

Finalizamos perguntando se eles gostaram da nossa ida à escola e qual tinha sido o momento da manhã que eles mais gostaram. Tivemos boa aceitação das crianças e também da professora da turma, que percebeu que o brincar ainda pode ser trabalhado nos anos iniciais do ensino fundamental, seja o brincar livre e dirigido, seja o brincar que traz para a realidade dos alunos algum conteúdo específico que tenha sido estudado. Depois retornamos para a universidade.

Para a gente, a experiência foi muito boa, pois vimos que o que planejamos, conseguimos executar, além de termos proporcionado momentos brincantes com as crianças e sensibilizado a direção para o uso mais constante da brinquedoteca que estava sendo



organizada na escola. Compreendemos que ela é um espaço onde as crianças se sentem mais aconchegantes e onde elas podem aprender mais com os materiais didáticos, brincar livremente e usar a imaginação. E isso pode incluir tanto as crianças das séries iniciais do ensino fundamental, quanto os adolescentes das séries finais do ensino fundamental, pois eles, que já estão nos anos finais, já não têm mais a prática do brincar de forma alguma.

A experiência relatada revela como resultado que é imprescindível que o brincar seja contemplado nas práticas pedagógicas, oferecendo às crianças momentos para a liberdade de criação e imaginação, explorando a si mesmas, o outro e o espaço.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para relatar a experiência, partimos da indagação: como poderíamos organizar as brincadeiras com as crianças, no “Brinc(ri)ar vai à escola”, para contribuir com o desenvolvimento integral e garantirmos o direito ao brincar? Como resposta, percebemos a importância do planejamento para a execução das atividades de forma leve e prazerosa, como também para que cada bolsista soubesse o seu momento de atuar, o que contribuiu para que a manhã com as crianças fosse bem organizada.

Essa experiência serviu para o nosso crescimento pessoal e para o nosso desenvolvimento profissional, fazendo com que a gente ampliasse o olhar para esse campo de pesquisa sobre o brincar, principalmente, pois sabemos que o brincar na educação infantil é importante, mas o brincar nos anos iniciais, também, tem muita relevância para o desenvolvimento das crianças.

Como considerações finais, podemos afirmar que o direito ao brincar deve ser respeitado e oportunizado, uma vez que constitui uma ação fundante para o desenvolvimento infantil de forma integral.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. N. de. **Língua portuguesa e ludicidade**: ensinar brincando não é brincar de ensinar. São Paulo: dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, 2007. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/14465/1/Paulo%20Nunes%20de%20Almeida.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2023.

ALGAYER, Karine Regina; TRUGILLO, Edneuzza Alves. A música como ferramenta pedagógica no aprendizado da criança. **Revista eventos pedagógicos**, v. 4, n. 2, p. 136-145, 2013.



BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Ponto de Vista. In.: FERNANDES, Francisco das Chagas. **O ensino Obrigatório aos 6 anos e sua ampliação para 9 anos trará vantagens ou não para os alunos?**, *Revista Pátio*, fevereiro/abril, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC) 2017**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>.

BROTTO, F. O. **Jogos Cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência**. Santos: Projeto Cooperação, 2001.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e Cultura**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais, 1994, Salamanca-Espanha.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

DOMINGO, J.C. Relatos de experiência, em busca de um saber pedagógico. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 01, p. 14-30, 2016.

FRANÇA. Tânia Maria de Sousa. **PROJETO DE INICIAÇÃO ARTÍSTICA – COM AS MÃOS NA ARTE: EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS NA UNIVERSIDADE E NA ESCOLA**, edital PROEXUECE 2023

FRANÇA. Tânia Maria de Sousa. **PROJETO DE EXTENSÃO – BRINQUEDOTECA: ESPAÇO LÚDICO PARA BRINC(RI)AR**, edital PROEXUECE 2023

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. DOI: 10.22481/praxis.edu.v17i48.9010. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010>. Acesso em: 18 nov. 2023.

PEREIRA, L. H. P. Ludicidade: algumas reflexões. In: PORTO, B. de S. (Org.). **Educação e ludicidade: ludicidade: o que é mesmo isso?** Salvador: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, v. 2, 2002. p. 12-20.

SANTOS, Santa Marli Pires; CRUZ, Dulce Regina Mesquita. **Brinquedo e infância: um guia para pais e educadores em creche**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

VITOR, E. C.; KORBES, L. M. A contação de histórias na educação infantil. **Revista Eventos Pedagógicos**. v. 2, n. 1 (2. ed. rev. e aum.), p. 92-100, jan./jul., 2011.